

TRADUÇÃO

A VISÃO DE THURKILL

Ricardo Boone Wotckoski
Graduado em Teologia (1997) e Letras (2005),
Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2013).
Professor assistente no Claretiano – Centro Universitário de Batatais.

rwotckoski@gmail.com

Submetido em: 11/11/2012

Aprovado em: 14/10/2013

Introdução

Thurkill integra uma série de visões do além-mundo que povoara o imaginário europeu na Idade Média. Na visão, Thurkill ou Thurkilli é conduzido por São Juliano em espírito a uma jornada de dois dias pelo purgatório, inferno e paraíso.

A Visão apresenta o além-mundo simbolicamente caracterizado como ambientes físicos familiares aos medievais. O inferno, por exemplo, aparece como uma arena em que os condenados encenam seus pecados praticados em vida e são castigados pelos demônios. Já o paraíso, como uma basílica esplendorosa em sua arquitetura e tamanho.

Não há como precisar a versão inicial dessa visão ou quantas circularam entre os habitantes da Bretanha. A tradução aqui apresentada valeu-se da versão em latim de Roger de Wendover, para quem a visão se deu no ano de 1206, ao cair da noite de 27 de outubro.

Wendover é considerado o primeiro grande cronista da abadia de São Albânio. *Flores Historiarum*, obra em que se encontra sua versão da visão de Thurkill, tem a ambição de cobrir o período entre a criação do mundo e o ano anterior a sua morte, 1235. Em 1841, H. O. Coxe editou *Flores Historiarum* em cinco volumes, mas apenas as crônicas do ano de 447 em diante, pois, a partir desse ponto, Wendover faz referência pela primeira vez à história da Bretanha.

Além da versão latina, utilizou-se ainda a tradução de *Flores Historiarum* para o inglês moderno, de J. A. Giles, edição de 1849.

A VISÃO DE THURKILL

A visão do purgatório, do castigo dos ímpios e da glória dos bem-aventurados

Neste mesmo ano [1206], havia um homem de hábitos simples, tão hospitaleiro quanto os seus humildes recursos permitiam e que vivia na pequena cidade de Tunsted¹, bispado de Londres.

Na véspera do dia dos apóstolos São Simão e São Judas, enquanto o homem cuidava do campo que havia semeado naquele dia, avistou, a certa distância, outro homem que vinha em sua direção. Como já estava na hora da prece vespertina, começou a oração do Pai-Nosso. Enquanto isso, o estranho aproximou-se do camponês e pediu que concluísse suas orações. De modo que, terminada a prece, cumprimentaram-se.

¹ Talvez “Twinsted” ou Twinsted, em Essex.
<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/index>

Depois disso, o estranho perguntou-lhe por um alojamento adequado na vizinhança para passar a noite. Mas quando o camponês começou a exaltar a hospitalidade de seus vizinhos, o estranho apontou as falhas na hospitalidade de alguns dos nomes citados. O homem então entendeu que o estranho estava familiarizado com sua vizinhança, e mais que depressa pediu que aceitasse sua hospitalidade, o que o estranho lhe respondeu:

- Tua esposa já recebeu duas pobres mulheres em casa. Eu também irei a tua casa esta noite, mas para levá-lo ao teu senhor, ou seja, São Tiago, a quem tu agora mesmo oraste com tanta devoção. Pois eu sou Juliano, o hospitaleiro, e fui enviado em teu favor, para te revelar, por meios divinos, certas coisas ocultas aos homens carnais; portanto, retorna a tua casa e prepara-te para uma viagem.

Ditas essas palavras, o estranho desapareceu. E Thurkill, esse era o nome do camponês, foi apressadamente para casa. Lá chegando encontrou as duas mulheres como predito por São Juliano. Lavou a cabeça e os pés, e deitou-se na cama que havia preparado fora do quarto, separada de sua esposa, por causa de continência. E assim que todos na casa adormeceram, São Juliano acordou o camponês e lhe disse:

- Aqui estou como prometido. É hora de ir. Deixa teu corpo descansando na cama. Apenas teu espírito irá comigo; e, para que teu corpo não pareça morto, eu aspirarei em ti o sopro da vida. Desse modo, eles deixaram a casa. São Juliano à frente, seguido por Thurkill.

De como Thurkill, livre de seu corpo, foi levado a certa basílica, onde havia uma multidão de espíritos reunidos

Quando chegaram ao centro do mundo, conforme informação do próprio São Juliano, adentraram uma basílica de estrutura magnífica, que ficava a leste. Apenas três pilares suportavam seu telhado. Era grande e espaçosa, mas sem divisórias, arqueada por todos os lados como o claustro de um monge. Do lado norte, havia um muro de altura não superior a seis metros, elevado junto à basílica. No centro da basílica, havia um grande batistério, do qual se levantava uma grande chama que não se consumia e iluminava incessantemente a basílica e os lugares ao seu redor, como o sol do meio-dia. Essa luz tinha origem, segundo São Juliano, nos dízimos dos justos.

Quando entraram na parte principal da basílica, São Tiago juntou-se a eles. Usava uma mitra de sacerdote e, vendo o peregrino a quem enviara São Juliano, ordenou a este e a São Domingos, que eram guardiões do lugar, que mostrassem ao peregrino os lugares reservados ao castigo dos maus e as mansões dos justos. Depois de assim ordenar, seguiu seu caminho. Então, São Juliano contou ao seu acompanhante que aquela basílica era o lugar que recebia as almas dos mortos recentes para serem encaminhadas aos locais, tanto de condenação quanto de salvação pelas expiações do purgatório, que foram a elas designados por Deus. Aquela basílica, por intermédio da gloriosa Virgem Maria, fora misericordiosamente destinada a receber os espíritos regenerados por Cristo tão logo deixassem seus corpos. De sorte que, ali reunidos, livres dos ataques dos demônios, pudessem receber seu julgamento de acordo com as suas obras. Naquela basílica, chamada de “Congregação dos Espíritos,” Thurkill viu muitos espíritos de justos completamente alvos e de faces rejuvenescidas.

Nas proximidades do muro que ficava do lado norte da basílica, Thurkill viu um grande número de espíritos em pé, mesclados de branco e preto. Alguns mais alvos que escuros, e outros o contrário; todavia, aqueles em que predominava o branco mantinham-se mais próximos do muro; os mais distantes não apresentavam brancura e tinham deformações por todas as partes.

Os dizimistas desonestos

Nas proximidades do muro ficava a entrada do inferno, cujas cavernas ao redor exalavam ininterruptamente uma fumaça fétida no rosto dos que ali estavam. Essa fumaça provinha dos dízimos desonestamente retidos das lavouras e infligia agonia indescritível aos culpados deste tipo de crime. Thurkill, todavia, depois de inalar duas vezes esse mesmo odor, ficou tão sufocado que foi obrigado a tossir duas vezes. Nesse instante, as pessoas que o rodeavam em sua casa perceberam a ressonância da tosse em seu corpo sobre a cama. Então, São Juliano lhe disse:

- Parece que não tens dado corretamente o dizimo sobre tua lavoura e, por isso, inalaste este fedor.

Em sua réplica, ele apresentou sua pobreza como desculpa. Ao que o santo lhe disse que seu campo produziria uma colheita mais abundante, se desse o dízimo honestamente; pediu ainda que confessasse esse crime na igreja abertamente a todos e buscasse a absolvição do padre.

O fogo, lago e ponte do purgatório; e a basílica situada no monte da alegria

No lado oriental da basílica, entre dois muros, havia um enorme fogo purgatório. Um dos muros situava-se a norte e outro, a sul. Entre um muro e outro havia um grande lago de água incomparavelmente salgada e fria (como Thurkill posteriormente pode confirmar), que corria na direção do oriente. Nela eram imersas as almas daqueles que passavam pelo fogo do purgatório. Sobre este lago foi erigida uma grande ponte toda coberta de espinhos e estacas. Todos deveriam obrigatoriamente passar sobre a ponte para chegar ao monte da alegria.

Naquele monte fora construída uma grande basílica de estrutura incomparável, grande o bastante, como pareceu a Thurkill, para abrigar todos os habitantes do mundo. São Juliano o conduziu em segurança, através das chamas do purgatório, à basílica. Nenhum tipo de material inflamável fornecia combustão para aquele fogo. Mesmo assim, uma espécie de chama, semelhante à de uma fornalha, subia preenchendo todo aquele lugar e consumia tanto os espíritos parcialmente escurecidos quanto os demais, de acordo com o grau de seus crimes. E os espíritos que tinham saído do fogo desciam até o lago gelado e salgado ao comando do bem-aventurado Nicolau, que presidia o purgatório. Alguns ficavam imersos até a cabeça, outros até o pescoço; havia também os que ficavam imersos até o peito ou braços, ou até o umbigo, ou até os joelhos, e também aqueles que mal molhavam as pontas dos pés.

Depois do lago, restava a travessia da ponte, que ficava do lado ocidental da basílica. Alguns atravessavam essa ponte fastidiosa e lentamente, outros mais fácil e rapidamente; havia também os que a passavam confortável e velozmente, sem impedimento ou dificuldade alguma. Alguns atravessavam o lago tão lentamente que levavam muitos anos para completar o trajeto. Havia também aqueles que não eram assistidos por nenhuma missa especial ou que, em vida, não tinham expiado seus pecados por meio de obras de caridade. Estes realizavam a travessia dolorosamente, com os pés descalços, no meio das estacas afiadas e dos espinhos que estavam espalhados sobre a ponte. E quando já agonizavam de dor, para não caírem, apoiavam-se sobre as estacas com as mãos, que eram, então, transpassadas. Torturados por dor e sofrimento violentos, rolavam sobre as estacas e rastejavam, então, até alcançarem a outra extremidade da ponte, aonde chegavam completamente ensanguentados e perfurados. Todavia, quando entravam na basílica situada no monte da alegria, eram tomados por uma intensa felicidade, pouco se lembrando do veemente sofrimento da travessia.

De como São Miguel e os apóstolos Pedro e Paulo alocavam os espíritos nos locais a eles destinados por Deus

Depois dessas coisas, São Juliano e Thurkill retornaram através das chamas para a basílica de Santa Maria. Ali toparam com os espíritos alvos recém-chegados, que ficaram mais alvos ainda depois que São Tiago e São Domingos os aspergiram com água benta.

Ao raiar do sábado, São Miguel Arcanjo e os apóstolos Pedro e Paulo começaram a alocar os espíritos nos lugares a eles destinados por Deus, dentro e fora da basílica, de acordo com o seu merecimento. São Miguel concedeu passagem segura aos espíritos alvos através das chamas do purgatório, lago e ponte até a entrada da grande basílica edificada no monte da alegria, cuja porta ocidental se encontrava sempre aberta. Os espíritos mesclados com as cores branca e preta, que estavam a norte do salão, foram conduzidos por São Pedro, através da porta oriental, sem nenhuma discussão a respeito de suas obras, até o fogo do purgatório para que fossem purificados de seus pecados pela impetuosa chama.

A pesagem dos bons e dos maus

São Paulo, então, sentou-se do lado de dentro da basílica, no final do muro norte. Do lado de fora, em oposição ao apóstolo, sentou-se o diabo e seus subordinados. Uma fenda em chamas, vinda do abismo infernal, explodiu próxima dos pés do diabo. No muro, entre o apóstolo e o diabo, foi fixada uma escala pendurada sobre algo semelhante a uma balança. Metade da escala ficava do lado de fora, de frente ao diabo. O apóstolo tinha dois pesos, um maior e um menor, reluzentes como ouro. Já o diabo, dois pesos enferrujados e sujos.

Então, os espíritos mesclados com manchas pretas aproximavam-se, um a um, vindos de todas as direções, com grande medo e tremor por causa da computação, por meio dos pesos, de suas boas e más ações. Quando a balança inclinava-se para o lado do apóstolo, ele conduzia o espírito, através da porta oriental que ficava junto à basílica, ao fogo purificador para ali expiar suas ofensas. Mas quando a balança pendia para o lado do diabo, ele e seus subordinados imediatamente precipitavam o espírito no tormento eterno, enquanto este gemia e praguejava pai e mãe por tê-lo gerado. Era em meio a gargalhadas que os demônios lançavam os espíritos na fomalha profunda e ardente, que estava aos pés do diabo. Este modo de mensurar as obras dos espíritos é frequentemente mencionado nos escritos dos santos padres.

De certo espírito que o diabo transformara em cavalo

Ao anoitecer do sábado, estando São Domingos e São Juliano na basílica, veio do norte certo diabo que galopava em meio a gritos e gargalhadas um cavalo preto, que rodopiava em alta velocidade pelo lugar. Enquanto isso, muitos dos espíritos maus saíram ao seu encontro com danças e gargalhadas, rodeando a presa.

São Domingos, então, ordenou ao diabo que lhe apresentasse imediatamente o espírito em que estava montado. Todavia, por um longo período, o diabo continuou cavalgando absorto pelo grande prazer que aquela situação lhe proporcionava, no que o santo chicoteou severamente o diabo, que imediatamente o seguiu em direção ao muro em que ficava a balança das almas.

Então, o santo perguntou ao diabo que espírito era aquele. Ao que ele respondeu:

- Trata-se de um nobre inglês, que morreu na noite passada sem confissão e sem participar do corpo do Senhor. Entre as muitas faltas cometidas em vida, a principal era a crueldade para com seus servos, levando muitos deles à extrema exaustão, instigado, sobretudo, por sua esposa, que sempre o incitava à crueldade. Eu o transformei em um cavalo, uma vez que estamos autorizados

a darmos a forma que quisermos aos condenados. Na verdade, eu já deveria ter descido com ele para o inferno, lançando-o na condenação eterna. Todavia, a noite de domingo aproxima-se, quando é nossa obrigação parar nossas encenações e infligir torturas mais severas aos infelizes espíritos.

Em seguida, olhando para Thurkill, indagou:

- Quem é este rústico em tua companhia?

Ao que o santo respondeu:

- Não sabes quem é ele?

O demônio então replicou:

- Eu o vi na festa de dedicação da Igreja de Tidstude, em Essex.

Então, o santo perguntou:

- Com que disfarce entraste na igreja?

O diabo, então, respondeu:

- Na forma de uma mulher. Mas quando eu avancei em direção ao batistério, na direção do santuário, o diácono me recebeu com água benta. Ao que respondi com um grito e soltei precipitadamente para longe daquele lugar.

Na ocasião, Thurkill e outros paroquianos ouviram o grito, mas sem nada saberem de sua origem.

Os jogos teatrais dos demônios

Na sequência, São Domingos disse ao demônio:

- Queremos ir contigo, assistir às encenações.

Ao que o demônio respondeu:

- Se quereis vir comigo, não podereis trazer este rústico junto, pois, em seu retorno ao mundo dos vivos, revelará nosso teatro e os nossos castigos secretos, resgatando, assim, muitos de nossos servos.

O santo disse-lhe, então:

- Apressa-te e vá em frente! São Juliano e eu te seguiremos.

Assim, os dois santos seguiram o demônio, levando Thurkill em segredo. Subiram para o norte até que avistaram, na baixada, uma enorme casa velha e de paredes escuras. Do lado de dentro havia um grande número de arenas com cadeiras enfileiradas, construídas com aros de ferro fundido e totalmente cobertas de pregos. Nelas sentavam-se pessoas de diferentes condições sociais e de ambos os sexos, que eram perfuradas pelos pregos abrasados e presas por todos os lados por barras de ferro. O número de cadeiras e de pessoas era tão grande que ninguém poderia contá-las.

As arenas eram circundadas por paredes escuras de ferro, perto das quais os demônios tinham seus assentos reservados. Como se estivessem assistindo a um espetáculo engraçado, riam das torturas infligidas aos miseráveis, lembrando-lhes de seus antigos crimes. Perto da entrada desse lugar detestável, no declive das montanhas, como já mencionado, havia um muro de cinco metros de altura, do qual era possível ver qualquer coisa que acontecesse lá dentro. Assim, os dois santos ficaram atrás do muro observando o sofrimento daqueles espíritos miseráveis. E Thurkill, escondido, também via claramente tudo o que estava acontecendo dentro da casa.

A tortura de um homem orgulhoso

Enquanto todos os súditos estavam sentados para assistirem às encenações degradantes, o príncipe do inferno lhes disse:

- Arrastai com violência o homem orgulhoso de seu assento e deixai-o fazer sua encenação.

Então, puxaram o homem orgulhoso e vestiram-no com um traje preto. Circundado e aplaudido pelos demônios, ele imitava um homem orgulhoso com todos os seus trejeitos. Arqueava o pescoço, o rosto, os olhos e as sobrancelhas. E trovejando imperiosamente palavras grandiloquentes, encolhia seus ombros, e mal podia sustentar os braços para indicar uma atitude orgulhosa. Seus olhos reluziam, assumindo um olhar ameaçador, subindo nas pontas dos pés. Cruzava as pernas, estufava o peito, esticava seu pescoço com a face acesa e demonstrava sinais de raiva em seus olhos acesos. E tocando o nariz com o dedo, manifestou grande ameaça, cheio de orgulho. E assim procedendo, oferecia motivo de graça aos demônios.

De repente, enquanto gabava de suas vestes e colocava suas luvas costuradas, suas roupas inflamaram-se, queimando por inteiro o corpo do miserável. Então, os demônios, tomados de ódio, despedaçaram os membros de seu corpo com pinos e ganchos de ferro aquecido. Um dos demônios encheu um caldeirão com gordura, breu e outras substâncias viscosas ferventes e fritou os membros do homem. E sempre que o demônio derramava sobre os membros gordura, estes chiavam como acontece quando se derrama água fria sobre sangue fervente. Em seguida, os membros de seu corpo foram novamente encaixados, voltando o homem a sua antiga forma.

Então os ferreiros do inferno prenderam três barras em brasa ao corpo do homem orgulhoso. Com martelos, pregaram-no às duas barras pelas costas e a uma terceira pela frente. Depois de torturá-lo desta maneira por certo tempo, empurraram-no de volta a seu antigo assento. Ali foi totalmente perfurado com pregos abrasados, teve cinco dedos esticados e passou a aguardar por mais torturas.

A tortura de um sacerdote

Um padre, que estava próximo, foi violentamente arrancado de seu assento abrasado e empurrado pelos servos do pecado em direção à arena. Então, cortaram sua garganta ao meio, puxaram sua língua para fora e a cortaram em sua base. Este padre foi desonesto com os bens temporais a ele confiados pelas pessoas a quem pregava. Não lhes deu suporte por meio de orações e missas. Como no caso do homem orgulhoso, dilaceraram seus membros, restituindo-os integralmente e o devolvendo à cadeira de tortura.

A tortura de um soldado

Depois do padre, certo soldado que passara a vida matando pessoas inocentes em torneios e assaltos foi conduzido à arena. Ali sentou-se em um cavalo preto equipado para a guerra. Quando o cavalo foi instado, aspirou uma chama de pez e fumaça fétida para torturar seu cavaleiro. A sela do cavalo foi inteiramente perfurada com longas hastes aquecidas. A armadura, capacete, escudo e botas ficaram cobertos por chamas e pressionaram com seu peso o cavaleiro, ao mesmo tempo em que consumiam a sua medula com não menor tortura.

Depois de instar seu cavalo a acelerar de modo precipitado, em imitação a seu antigo hábito de guerra, o soldado sacudiu sua lança contra os demônios que o cercavam e dele zombavam. Foi, então, cortado e dilacerado por eles aos poucos. Seus pedaços foram fritos no líquido execrável já mencionado e, depois de fritos, foram reunidos novamente do mesmo modo como aqueles que vieram antes e foram presos por três barras. Uma vez restaurado, ele foi violentamente empurrado de volta para seu assento.

A tortura de um homem da lei

Depois do soldado, um homem versado nas leis foi arrastado para o meio da arena. Sofreu grande tortura por causa de sua vida má e de sua corrupção nos julgamentos dos quais participava. Era conhecido entre os importantes de toda a Inglaterra. Mas terminara sua vida miseravelmente, no mesmo ano em que se deu a visão agora narrada. Morreu repentinamente, sem satisfazer nenhuma de suas vontades e toda a riqueza acumulada com sua ganância voraz foi alienada e gasta por estranhos.

Este homem tinha o hábito de sentar à tesouraria do rei, momento em que recebia presentes de ambas as partes litigantes dos processos. Como os demais condenados, foi arrastado para a arena e, na presença dos espíritos malévolos, forçado pelos insultuosos seres malévolos a representar como agia em vida. Então, voltando-se ora para a direita e ora para a esquerda, ensinava a um partido como criar uma causa e ao outro como a dela defender. Enquanto fazia isso, não se abstinha de aceitar presentes e subornos ora de um partido, ora de outro, que contava e guardava nos bolsos.

Depois de os demônios assistirem por algum tempo à encenação deste homem miserável, o dinheiro inflamou-se e queimou o desgraçado de uma forma deplorável. Ele foi forçado a colocar na boca e a engolir os pedaços do dinheiro queimado. Em seguida, dois demônios aproximaram-se dele com um carrinho de rodas de ferro cheio de estacas e pregos. Eles o colocaram nas suas costas e o giraram. Com as voltas rápidas, seu dorso foi arrancado. Além disso, numa agonia ainda maior, foi forçado a vomitar os pedaços de dinheiro que havia comido. Então, o demônio ordenou-lhe que os recolhesse novamente, de modo que pudesse comê-los novamente. A essa altura, os servos do diabo já estavam irritados e cansados de torturar o douto homem.

A esposa do miserável também ocupava um dos assentos do recinto. Ela fora excomungada em várias igrejas por causa de um anel que havia guardado em seu estojo, declarando ter sido roubada. A morte súbita a impediu de ser absolvida de sua excomunhão.

A tortura de um casal de adúlteros

Na sequência, um casal de adúlteros foi arrastado à presença dos furiosos demônios. Ali representaram a causa de sua ruína: suas vergonhosas obscenidades e relação sexual. Foram, então, amaldiçoados pelos demônios e, como se tomados por um frenesi, começaram a dilacerar um ao outro, convertendo o amor aparente com que se entretinham antes em crueldade e ódio. Seus membros foram despedaçados pela multidão furiosa a sua volta e sofreram a mesma punição dos que os haviam precedido. Todos os fornicadores presentes foram atormentados do mesmo modo. E a intensidade de seu sofrimento era tão grande que a pena deste escritor não é suficiente para descrevê-lo.

A tortura dos caluniadores

Dentre os demais seres miseráveis havia dois que pertenciam ao grupo dos caluniadores. Também foram arrastados para o centro da arena e ali, com a boca distorcida, encenavam estar embaçados e entreolhavam-se com tristeza. Ainda com a boca distorcida, foram forçados a comer uma lança abrasada. Cada um numa extremidade a comia até que, rapidamente, atingiram o meio da lança e ficando um de frente para o outro. Nesse momento, dilaceraram-se e ficaram completamente ensanguentados.

A tortura de ladrões e incendiários

A essa altura foram levados à arena os ladrões, incendiários e violadores de lugares sagrados. Os servos do inferno, então, prenderam-nos com estacas e pregos em rodas de ferro

inflamadas, cujo calor extremo produzia faíscas de fogo. Presos a essas rodas, que giravam sem parar, esses miseráveis eram penalizados com torturas horríveis.

A tortura dos maus comerciantes

Depois, veio à cena um comerciante que usava de falsa medida e peso. E com ele os de mesma profissão que agiam com desonestidade com os pobres. Eles foram arrancados violentamente de suas cadeiras e forçados a encenar os pecados que motivaram sua desgraça e o agravamento de sua pena. Em seguida, foram torturados pelos diabos do mesmo modo que os anteriormente mencionados.

O inferno e seus caldeirões de tortura

Depois disso, Thurkill viu quatro arenas perto da entrada do inferno. A primeira contendo inumeráveis fornalhas e grande variedade de caldeirões cheios até a borda com piche escaldante e outras substâncias derretidas. Neles, os espíritos foram amontoados e ferventados. Com a erupção da fervura, as suas cabeças, semelhante à cabeça de peixe preto, eram impulsionadas umas para fora e outras para dentro.

A segunda arena continha caldeirões semelhantes aos primeiros, mas cheios de neve e gelo, nos quais os espíritos eram torturados com frio terrível e agonia insuportável.

Os caldeirões da terceira arena estavam cheios de água sulfurosa escaldante e outras substâncias, que emitiam um cheiro misturado com uma fumaça fétida. Ali eram torturados especificamente os espíritos que morreram na impureza de sua luxúria.

A quarta arena continha caldeirões cheios de água muito escura e salgada. Seu sabor amargo instantaneamente tiraria a casca de qualquer tipo de madeira nela jogada. Fervendo incessantemente nesses caldeirões estava uma multidão de pecadores, assassinos, ladrões, assaltantes, feiticeiras e homens ricos que oprimiram seus semelhantes pela exortação. Os servos da iniquidade, de pé, ao seu redor, pressionavam-nos, juntando-os dentro do caldeirão, de modo que não pudessem escapar do calor do líquido fundido. Os que haviam fervido por sete dias nessa gordura, no oitavo, eram mergulhados no frio extremo do caldeirão da segunda arena. Por outro lado, os torturados no frio eram colocados no líquido escaldante. Da mesma forma, os que tinham sido fervidos na água salgada eram torturados no cheiro fétido. Os demônios providenciavam essa troca de caldeirão ininterruptamente a cada oito dias.

A basílica situada no monte da alegria e a intercessão pelos espíritos

Quando terminaram de assistir às torturas, já chegara a manhã do Dia do Senhor. Os santos e Thurkill atravessaram, então, o fogo do purgatório, lago e ponte de estacas e pregos, em direção ao monte da alegria. Chegaram, então, ao salão do lado ocidental do templo. Ali havia um belo e imenso portão, que ficava sempre aberto, através do qual os espíritos totalmente alvos eram conduzidos por São Miguel. Nesse salão eram reunidos todos os espíritos purificados, que rezavam com toda avidez e na expectativa de sua admissão feliz àquele local.

No quadrante sul, do lado de fora do templo, Thurkill viu um número infinito de espíritos, todos com suas faces voltadas para a Basílica. Ali intercediam pela ajuda de seus amigos em vida, o que permitiria seu acesso à basílica, pois quanto mais intercessões especiais recebessem, maior sua chance de ali entrar. Dentre os que ali estavam, Thurkill reconheceu muitos de seus amigos, bem como todos aqueles a quem conhecera em sua vida. Nesse momento, São Miguel relatou a

Thurkill a condição e de quantas missas cada um daqueles espíritos necessitava para serem admitidos no templo.

Enquanto aguardavam, os espíritos não sofriam castigos, pelo contrário, pela intercessão da igreja, a cada dia aproximavam-se mais e mais da basílica, exceto, todavia, aqueles que ainda aguardavam pela ajuda dos vivos.

As mansões da santa basílica

Thurkill foi conduzido ao templo por São Miguel. Ali reconheceu, vestidos de branco, de ambos os sexos, muitos dos que conhecera em vida. Estavam subindo em direção ao templo e desfrutavam de intensa alegria. À medida que os espíritos se aproximavam do templo, mais alvos e reluzentes se tornavam. Na grande basílica, Thurkill viu muitas mansões belíssimas. Nelas habitavam, alvos como a neve, os espíritos dos justos. Suas faces e coroas reluziam como ouro puro. Em determinadas horas do dia, ouviam cânticos vindos do céu, como se todo tipo de música estivesse soando em harmoniosa melodia. Sua agradável suavidade acalmava e refrigerava a todos os habitantes do templo, como se servidos com todo tipo de carne saborosa. Todavia, os espíritos que permaneciam do lado de fora nada ouviam dessa canção celestial. Diferentes santos tinham suas moradas próprias nesse lugar, recebendo com alegria seus devotos e servos fiéis do Senhor, os quais eram, em momento oportuno, apresentados diante de Deus.

O Paraíso e Adão, o primeiro homem

Depois disso, eles retornaram à parte oriental do templo, que era seu recanto mais aprazível. Era esplendoroso em sua variedade de ervas e flores, que exalavam por todo lugar seu doce aroma. Lá Thurkill viu uma fonte muito límpida, que jorrava quatro correntes de água de coloração diferenciada. Junto a ela, havia uma bela e enorme árvore, que produzia todo tipo de fruto e o doce aroma de especiarias.

Debaixo desta árvore, perto da fonte, descansava um homem grande e belo, vestido dos pés ao peito com uma roupa de várias cores e de textura lindíssima. Parecia sorrir com um olho e chorar com o outro.

- Esse homem – disse São Miguel - é o primeiro ancestral da raça humana, Adão. Pelo olho sorridente indica a alegria que sente por seus descendentes salvos. Pelo olho que chora, expressa a tristeza pelo castigo e merecido julgamento de Deus sobre os que serão condenados. A vestimenta que o cobre parcialmente é o manto da imortalidade e o traje da glória. Ele foi privado deste por causa de sua transgressão. Ele começou a recuperá-lo a partir de Abel e continua por intermédio da sucessão de seus filhos justos. Proporcionalmente ao brilho das virtudes dos escolhidos, seu vestuário ganha mais variedade de cores. Quando o número de seus filhos eleitos estiver completo, Adão estará completamente vestido com o manto da imortalidade e da glória. Desta forma, o mundo terá chegado ao seu fim.

O retorno de Thurkill a seu corpo

Afastando-se daquele lugar, chegaram a um portão belíssimo e adornado por joias e pedras preciosas. O muro ao seu redor reluzia como se fosse de ouro. Logo que eles passaram pelo portão, avistaram um templo dourado ainda mais magnânimo, belo, agradável e suave que o primeiro, no esplendor de seu brilho. Os lugares anteriormente vistos em nada se comparavam com o atual. Depois de entrarem no templo, Thurkill viu uma capela repleta de ornamentos esplendorosos. Ali estavam sentadas três virgens radiantes em sua beleza indescritível. O arcanjo lhe esclareceu quem

eram: Santa Catarina, Santa Margarida e Santa Osita. Enquanto Thurkill admirava e contemplava sua beleza, São Miguel disse a São Juliano:

- Restitua este homem diretamente a seu corpo, que seja o mais rapidamente levado de volta, pois a água fria que os espectadores estão jogando em seu rosto irá sufocá-lo.

Instantaneamente, sem saber como, Thurkill viu-se de volta a seu corpo e sentado em sua cama.

Ele ficara deitado inanimado em sua cama – como se tomado por um sono pesado – por dois dias e duas noites, isto é, do anoitecer da sexta-feira ao anoitecer do domingo.

Logo que amanheceu, Thurkill foi apressadamente à igreja e, após a missa, o padre e outros paroquianos que o tinham visto sem vida, pouco tempo antes, pediram que lhes contasse o que lhe havia sido revelado. Em sua completa simplicidade, todavia, hesitou em relatar sua visão, até que, na noite seguinte, São Juliano apareceu-lhe e deu-lhe ordens para revelar todas as coisas que havia testemunhado. Disse-lhe o Santo que fora levado de seu corpo justamente com o propósito de tornar público tudo o que ouvira. Em obediência à ordem do santo, tempos depois, no Dia de Todos os Santos, revelou por completo sua visão em inglês. E os que o ouviram indagavam pelo dom incomum daquele homem de discursar, uma vez que ele anteriormente parecera desajeitado e incapaz de falar por causa de sua grande simplicidade. Assim, Thurkill levou muitos às lágrimas e a amargas lamentações, por meio da notável narrativa de sua visão.

Fontes primárias

COXE, H. O. (editor). *Rogeri de Wendover chronica sive flores historiarum*. Londini: Sumptibus Societatis, M.DCCC.XLI, v. III.

PARIS, Matthew (editor). *Roger of Wendover's flowers of history: the history of England from the descent of the Saxons to A.D. 1235*. Translation by J. A. Giles. London: Henry G. Bohn, 1849, v. 2.

Bibliografia

DICIONÁRIOS EDITORA. *Dicionário de latim-português*. Porto: Porto Editora, 2001.

GARDINER, E. (Edit.). *Visions of Heaven & Hell before Dante*. New York: Italica Press, 1989.

SCHMIDT, P. Gerhard. The vision of Thurkill. In: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, vol. 41 (1978), p. 50-64.